

## EPOPEIA E POESIA BUCÓLICA NO *IDÍLIO XI* DE TEÓCRITO

Fernando Rodrigues Júnior\*  
Universidade de São Paulo

**ABSTRACT:** This paper discusses the relation between bucolic and epic poetry. Both genres shared the same meter – hexameter – and Theocritus was considered a poet influenced by Homer and belonging to epic tradition. In some sense it is possible to find bucolic elements in epic poetry, not only in similes in which there are shepherds in a variety of situations, but also in characters such as Polyphemus. Through the analysis of Polyphemus' pastoral way of life in *Odyssey* a link is created between Theocritus' idylls and Homeric narrative in order to distinguish bucolic poetry as a kind of epic poetry.

**KEYWORDS:** Theocritus; Homer; *Odyssey*; bucolic poetry; Polyphemus; Galatea.

Em *Imagens II* Filóstrato descreve uma pintura na qual está representada a terra dos ciclopes. Neste lugar o solo produz todos os frutos, não havendo necessidade de o homem ará-lo ou plantar as vinhas,<sup>1</sup> da mesma forma que, em *Odisseia IX*, 108-111, os ciclopes não lavram o campo e nada plantam, pois o trigo, a cevada e as uvas nascem espontaneamente, sem o uso do arado ou de sementes.<sup>2</sup> Filóstrato os

---

\* fernandorodriguesjr@yahoo.com.br

<sup>1</sup> Filóstrato, *Im.* 369K 24-26:

“Οι θερίζοντες τε τὰ λήια καὶ τρυγῶντες τὰς ἀμπέλους οὔτε ἤροσαν, ὦ παῖ, ταῦτα οὔτε ἐφύτευσαν, ἀλλ’ αὐτόματα ἡ γῆ σφίσιν ἀναπέμπει ταῦτα.

<sup>2</sup> *Od.* IX, 108-111:

Οὔτε φυτεύουσιν χερσὶν φυτὸν οὔτ’ ἀρώωσιν, / ἀλλὰ τὰ γ’ ἄσπαρτα καὶ ἀνήροτα πᾶντα φύονται, / πυροὶ καὶ κριθαὶ ἢ δ’ ἄμπελοι, αἵ τε φέρουσιν / οἶνον ἐριστάφυλον, καὶ σφιν Διὸς ὄμβρος ἄξει.

chama de pastores (ποιμένως) que alimentam seus rebanhos, de onde extraem o leite, sua principal fonte de alimento.<sup>3</sup> Em *Od.* IX, 244-249, Polifemo ordenha ovelhas e cabras, talha metade do leite conseguido para fazer o queijo encontrado por Odisseu e seus companheiros em sua gruta (*Od.* IX, 219) e guarda o restante em vasilhas para beber mais tarde. Nos vários comentários acrescentados à cena descrita, Filóstrato diz que os ciclopes não conhecem a ágora ou o conselho e sequer vivem em casas, mas habitam os vãos das montanhas, as grutas,<sup>4</sup> reproduzindo o mesmo que dissera Homero em *Od.* IX, 112-114.<sup>5</sup>

Na narrativa ecfrástica de Filóstrato, apesar de Polifemo ser o mais selvagem (ἀγριώτατος) dos ciclopes que habitam este lugar e estar acostumado a se alimentar da carne humana (σιτούμενος τοὺς ἀνθρώπους, cf. *Od.* IX, 291-292),<sup>6</sup> ele evita semelhante comportamento para não parecer glutão ou desagradável (ὡς μὴ βορὸς μηδὲ ἀηδῆς φαίνοιτο) a Galateia, uma ninfa do mar. Valendo-se de uma siringe, o ciclope apaixonado profere um canto bucólico (ποιμενικὸν ᾄσμα) louvando-a por sua brancura, alegria e doçura superior à da uva e afirmando cuidar de corças e ursos para ela.<sup>7</sup>

A canção de Polifemo mencionada por Filóstrato não encontra paralelo em Homero, mas toma como modelo o *Idílio* XI de Teócrito, no qual o ciclope, quando jovem, amou Galateia (v. 8-9) e negligenciou o cuidado com suas ovelhas (v. 12-13), enquanto, sozinho na praia, cantava

<sup>3</sup> Filóstrato, *Im.* 369K 29-31:

Πεποιήται δὲ αὐτοὺς καὶ ποιμένας τὰ πρόβατα βόσκουσα, ποτόν τε τὸ γάλα τούτων ἡγούνται καὶ ὄψον.

<sup>4</sup> Filóstrato, *Im.* 369K 31-34:

Ὅι δ' οὐτ' ἀγορὰν γινώσκουσιν οὔτε βουλευτήριον, οὔδ' οἶκον, ἀλλὰ τὰ ρήγματα ἔσοικισάμενοι τοῦ ὄρους.

<sup>5</sup> *Od.* IX, 112-115:

Τοῖσιν δ' οὔτ' ἀγοραὶ βουλευφόροι οὔτε θέμιστες, / ἀλλ' οἱ γ' ὑψηλῶν ὀρέων ναίουσι κάρηνα / ἐν σπέσσι γλαφυροῖσι, θεμιστεύει δὲ ἕκαστος / παίδων ἢ δ' ἀλόχων, οὐδ' ἀλλήλων ἀλέγουσι.

<sup>6</sup> Notar que o símile em Filóstrato, equiparando o ciclope a um leão por sua selvageria canibalesca, rememora *Odisseia* IX, 292-293, em que Polifemo devora os companheiros de Odisseu sem desperdiçar parte alguma de seus corpos, semelhante a um λέων ὀρεσίτροφος.

<sup>7</sup> Filóstrato, *Im.* 370K 8-11:

Καὶ ἡ μὲν σύριγγ' ἔτι ὑπὸ μάλης καὶ ἀτρεμεῖ, ἔστι δ' αὐτῶ ποιμενικὸν ᾄσμα, ὡς λευκῆ τε εἶη καὶ γαῦρος καὶ ἡδίων ἄμφακος καὶ ὡς νεβροῦς τῇ Γαλατείᾳ σκυμνεύει καὶ ἄρκτους.

com um dardo de Cípris fixado em seu fígado (v. 16). A matéria do canto falava de seus amores pela ninfa, tentando persuadi-la a aceitar suas súplicas. Ela é chamada de branca (ὠ λευκὰ Γαλάτεια, v. 19), mais alegre que uma novilha (μόσχῳ γαυροτέρα) e mais brilhante que a uva não madura (φιαρωτέρα ὄμφακος ὠμᾶς, v. 21). Os ecos verbais entre os textos são evidentes nas qualidades de brancura e alegria. Outra semelhança se dá pela comparação com a uva (ὄμφαξ), embora por características distintas: em Teócrito o brilho e em Filóstrato a doçura. Por fim, no *Idílio* XI, 40-41 Polifemo afirma cuidar de doze corças com marcas no pescoço e quatro filhotes de ursos para a ninfa,<sup>8</sup> como já foi mencionado na ἔκφρασις de Filóstrato.

O tema do ciclope apaixonado foi bastante explorado na poesia grega, sobretudo a partir do período helenístico, no entanto teria sido tratado pela primeira vez por Filoxeno de Citera num ditirambo chamado *Galateia* ou *Ciclope* (fr. 814 – 24 PMG), escrito certamente antes de 388 a. C., quando Aristófanes o teria parodiado em *Pluto* 290-301. De acordo com Ateneu, *Banquete dos sofistas* I, 6, o historiador Fênias defendia uma leitura alegórica para este poema, escrito durante a permanência do poeta na corte de Dioniso de Siracusa. Ao ser pego pelo tirano tentando seduzir sua concubina, a aulista Galateia, Filoxeno foi preso e acabou por escrever um ditirambo intitulado *Ciclope*<sup>9</sup> no qual Polifemo representaria o tirano, Galateia a amante em questão e Odisseu o próprio autor.

Independentemente do detalhe biográfico relacionado à composição do poema, também sugerido por Diodoro da Sicília em *Biblioteca Histórica* XV, 6 e pelo escoliasta de Aristófanes *Pluto* 290, é interessante notar que no tratamento mais antigo ao tema a história ocorre quando Odisseu visita a ilha dos ciclopes. Esta trama é abordada na epístola 121 de Sinésio de Cirene (séc. V d. C.), fr. 818 PMG.<sup>10</sup> Odisseu, já preso na gruta trancada por uma enorme pedra, denomina-

<sup>8</sup> Cf. S Teócrito, *Id.* XI, 40-41:

Τράφω δὲ τοὶ ἔνδεκα νεβρώς πάσας μαννοφόρως, καὶ σκύμνως τέσσαρας ἄρκτων.

<sup>9</sup> Conferir a menção que Hermesíanax faz à matéria deste poema em *Leôntion* fr. 7. 69-74 CA.

<sup>10</sup> Segundo Page [(Org.). *Poetae melici Graeci*. Oxford: Clarendon Press, 1962, p. 425], o modelo da epístola 121 de Sinésio seria o poema de Filoxeno.

se um feiticeiro (γόςης),<sup>11</sup> podendo auxiliar o ciclope a obter êxito, por meio de encantamentos (πολλάϊς ἴυγξι), em sua tentativa de seduzir a ninfa marinha. Mas, para evitar que a moça se desagrade com o cheiro de bode de suas cobertas, é preciso pôr a gruta em ordem, limpar, lavar e perfumar o quarto e, após isso, preparar guirlandas de hera.

Apesar de Filoxeno representar Polifemo como um rústico<sup>12</sup> proferindo uma canção a Galateia (fr. 821 PMG) e, por meio das Musas de bela voz, conseguindo a cura de seu amor (Μούσαις εὐφώνοις ἰωμένη τὸν ἔρωτα, fr. 822 PMG), é possível que o poema desse pouco destaque a esse episódio e enfatizasse, sobretudo, a relação entre o ciclope e Odisseu.<sup>13</sup> Não há nenhuma menção à ninfa no livro nono da *Odisseia* e tampouco no drama satírico *Ciclope* de Eurípidēs.<sup>14</sup> Segundo o historiador Dúris,<sup>15</sup> Polifemo ergueu um templo para Galateia no Etna pelo bom pasto aos animais e abundância de leite.<sup>16</sup> Filoxeno, desconhecendo o motivo desta construção, teria compreendido que foi motivada por amor à ninfa, de onde retirou o argumento de seu ditirambo, fruto de uma má interpretação. Independentemente da motivação fantasiosa sugerida por Dúris para a criação desse enredo, é possível inferir, pelas evidências disponíveis, que a temática erótica à *Ciclopeia* teria sido uma invenção de Filoxeno para uma matéria já bastante conhecida.

<sup>11</sup> O termo γόςης pode também designar um charlatão ou impostor que engana alguém para obter vantagens (cf. Platão, *Banquete* 203d), desembocando na noção de γοητεία (“charlatanismo”) associada à ἀπάτη (cf. Políbio, IV, 20, 5) e à ψευδολογία (cf. Luciano de Samósata, *Nigrino* 15) e no verbo γοητεύω com a acepção de enganar, sobretudo por meio de palavras (cf. Platão, *Górgias* 484a e *Sofista* 234c).

<sup>12</sup> Cf. PMG 819, 2 em que Polifemo parece conversar com seu rebanho.

<sup>13</sup> Cf. Hordern, J. H. *Cyclopea: Philoxenus, Theocritus, Callimachus, Bion*. CQ. Oxford, p. 285, 2004.

<sup>14</sup> O mais próximo a isso seria o juramento que Sileno faz às nereidas no verso 264, interpretado por Hunter (*Theocritus*. Cambridge: Cambridge University Press, 1999, p. 216) como uma hipotética referência a Galateia, por se tratar de uma nereida, como nos atestam *Ilíada* XVIII, 45 e *Teogonia* 250.

<sup>15</sup> Cf. Σ Τεόcrito, *Id.* VI f:

Δούρις φησι διὰ τὴν εὐβοσίαν τῶν θρεμμάτων καὶ τοῦ γάλακτος πολυπλήθειαν τὸν Πολύφημον ἰδρύσασθαι ἱερὸν παρὰ τῆ Αἴτην Γαλατείας· Φιλόξενον δὲ τὸν Κυθήριον ἐπιδημήσαντα καὶ μὴ δυνάμενον ἐπινοῆσαι τὴν αἰτίαν ἀναπλάσαι, ὡς ὅτι Πολύφημος ἦρα τῆς Γαλατείας.

<sup>16</sup> Em Luciano, *Histórias Verdadeiras*, 2-3, é mencionado um templo de Galateia numa ilha feita de queijo localizada num mar de leite, em clara conexão com a etimologia do nome da nereida, associado à brancura do leite (γάλα).

O mito acabou sendo explorado pela Comédia Nova, como pode ser inferido pelos escassos fragmentos da *Galateia* de Nicócares (1-2 Meineke) e de Aléxis (1-4 Meineke) e do *Ciclope* de Antífanes (1-3 Meineke).<sup>17</sup> A possível ausência de Odisseu na trama indicaria ênfase na relação entre o ciclope e a ninfa como tema central, culminando com o uso frequente desta história pelos poetas helenísticos, como Calímaco (epigrama 46 Pf), Mosco (*Epitáfio de Bión*, 58-63) e Bión (*Epitalâmio de Aquiles e Deidameia*, 1-3). Em todos estes textos Polifemo é representado tocando um instrumento e entoando uma canção a Galateia, sugerindo que o poema de Filoxeno seria bastante popular e lhes teria servido de modelo.

Nos poemas supracitados nota-se uma ambientação comum: Polifemo profere a uma ninfa marinha um canto erótico na praia (Mosco: *παρ' αἰόνεσσι θαλάσσης*, v. 59; Bión: *ἐπ' ἄονι*, v. 3), provavelmente contemplando o *habitat* de sua destinatária, em paralelo à postura de Odisseu a observar o mar durante um longo tempo, com saudade de Ítaca.

Dentro da gruta não foi encontrar Odisseu de alma grande  
que, como sempre, a chorar se encontrava sentado na praia,  
a alma desfeita em suspiros sentidos e prantos e dores.

Lágrimas, pois, a verter contemplava o infecundo oceano.<sup>18</sup>

(*Od.* V, 81-84)

Portanto, neste contexto, Odisseu e Polifemo são personagens que se assemelham na condição de *πολύτλας*. Ora, a alusão desta cena à epopeia já estaria presente no ditirambo de Filoxeno. Segundo o escólio a Teócrito, *Idílio* XI, 1-3b, o ciclope solicita aos golfinhos que avisem Galateia da cura de seu amor por meio das Musas (fr. 822 PMG).<sup>19</sup> Os

<sup>17</sup> Sabemos que, além destas peças, a história de Polifemo teria recebido ao menos três versões dramáticas: o *Ciclope* de Epicarmo (fr. 135-50 Kock), os *Odisseus* de Cratino (fr. 1-16 Meineke) e um drama satírico de Aristias (cf. Ateneu 686a), todas anteriores à peça de Eurípides. Cf. Arnott W. G. *The overworked playwright. A study in Euripides' "Cyclops"*. G&R. Oxford, vol. VIII, p. 165, 1961.

<sup>18</sup> *Od.* V, 81-84:

Οὐδ' ἄρ' Ὀδυσσῆα μεγάλητορα ἔνδον ἔτετμεν,/ ἄλλ' ὅ γ' ἐπ' ἀκτῆς κλαίει καθήμενος,  
ἔνθα πάρος περ,/ δάκρυσι καὶ στοναχῆσι καὶ ἄλγεσι θυμὸν ἐρέχθων/ πόντον ἐπ'  
ἀτρύγετον δερκέσκετο δάκρυα λείβων (todas as citações da *Odisseia* apresentadas neste artigo são retiradas da tradução de Carlos Alberto Nunes).

<sup>19</sup> Cf. Σ Teócrito, *Id.* XI, 1-3b, tradução nossa para o trecho abaixo:

Καὶ Φιλόξενος τὸν Κύκλωπα ποιεῖ παραμυθούμενον ἑαυτὸν ἐπὶ τῷ τῆς Γαλατείας ἔρωτι καὶ ἐντελλόμενον τοῖς δελφίσι, ὅπως ἀπαγγείλωσιν αὐτῇ, ὅτι ταῖς Μούσαις τὸν ἔρωτα ἀκείται.

golfinhos servem de mensageiros porque convivem com a nereida nas águas do mar, mas também por serem os prováveis ouvintes do canto entoado na praia, imaginando que Galateia se recusaria a escutá-lo.

O motivo da canção como cura do amor é amplamente explorado por Teócrito no *Idílio XI*, como é evidenciado na tese exposta no início do poema:

Não há para o amor nenhum outro remédio,  
Nícias, nem de unguento, me parece, nem de pó,  
que as Piérides<sup>20</sup>

(*Idílio XI*, 1-3)

A canção proferida entre os versos 19-79 serve de *exemplum* à ideia central defendida. Justamente na praia (ἐπ' αἰόνοσ, v. 14), desde a aurora, após encontrar o φάρμακον contra o dardo de Cípris, Polifemo entoa seu canto olhando para o mar (ἐς πόντον ὁρῶν ἄειδε τοιαῦτα, v. 18).<sup>21</sup>

O tratamento dado por Teócrito a este mito teria ganhado bastante destaque na poesia grega a partir do século III a. C. e talvez seja a provável fonte dos poemas de Bión e Mosco, ao invés do ditirambo

<sup>20</sup> Cf. Σ Teócrito, *Id.* XI, 1-3, tradução nossa para o trecho abaixo:

Οὐδὲν ποττὸν ἔρωτα πεφύκει φάρμακον ἄλλο,/ Νικάια, οὔτ' ἔγχριστον, ἐμὶν δοκεῖ,  
οὔτ' ἐπίπαστον, / ἢ ταῖ Πιερίδες.

<sup>21</sup> O destinatário do poema é bastante adequado à tese proposta por se tratar de um médico (ιατρόν, v. 5). O *Idílio XIII* também será endereçado a Nícias, além das menções feitas no *Idílio XXVIII*, 19-20 e no epigrama 8 Gow. Ele também seria poeta (cf. *Idílio XI*, 6 e XXVIII, 7) e teria escrito epigramas recolhidos na *Antologia Palatina* VI, 122, 127 e 270; VII, 200; IX, 315 e 564 e na *Antologia de Planude* 188 e 189 (poderia se tratar de um poeta homônimo). O próprio Nícias escreveu uma resposta ao poema de Teócrito reproduzida pelo escoliasta em *Idílio XIa* (ἦν ἄρ' ἀληθὲς τοῦτο, Θεόκριτε· οἱ γὰρ Ἔρωτες/ ποιητὰς πολλοὺς ἐδίδαξαν τὸ πρὶν ἀμούσους), citando uma famosa passagem da *Estenobeia* de Eurípidēs (fr. 663 Nauck). Quando o tema reaparece no epigrama 46 Pf de Calímaco, encontramos a reincidência de todos estes elementos. Polifemo descobriu um encanto (ἐπαιδάν) para os amantes: as musas extenuam o amor (αἱ Μοῦσαι τὸν ἔρωτα κατασχαίνονται). O termo ἐπαιδῆ comporta um sentido associado à magia, mas igualmente possui um uso médico, como notamos no final do epigrama, quando o poeta diz ter ἐπαιδάι em casa contra feridas insuportáveis (τῶ χαλεπῶ τραύματος). Logo, a poesia serve de φάρμακον para todas as coisas. O emprego do dialeto dórico neste epigrama de Calímaco destoa dos demais e aponta para Teócrito como seu principal modelo. A linguagem médica, perceptível nos termos κατασχαίνονται, φάρμακον e νόσον, rememora Nícias e seu ofício no *Idílio XI*.

de Filoxeno (cf. também Virgílio, *Écloga* II, e Ovídio, *Metamorfoses* XIII, 719-897). Mas a inserção desta história em verso hexamétrico e ambientação pastoral acaba adquirindo outras conotações.

O modo de vida de Polifemo o associa a um pastor zeloso por seu rebanho:

Era essa a casa de um monstro gigante que ali, solitário,  
só dos rebanhos cuidava, afastado de todos os outros.<sup>22</sup>

(*Odisseia* IX, 187-188)

As fêmeas ficavam no interior de sua gruta e delas o ciclope extraía o leite para preparar o queijo (*Od.* IX, 219). Do lado de fora, protegidos por uma cerca, ficavam os cabritos e os bodes (*Od.* IX, 237-239). Toda manhã, com assobios (ροίζω), o ciclope levava seu gordo rebanho para as montanhas (*Od.* IX, 315-316), retornando à tarde (*Od.* IX, 337-338). Após ser cegado por Odisseu durante o sono e não podendo cumprir seu hábito matutino de mungir as ovelhas, ele ouve os animais em meio ao estábulo balando, enquanto os machos corriam para o pasto (*Od.* IX, 437-440). Por fim, Polifemo conversa com o último carneiro a sair da gruta (*Od.* IX, 447-460), chamando-o de πέπων por lhe ser mais caro que os demais e quase lhe conferindo traços humanos ao imaginar que poderia ser um interlocutor de seu discurso ou ao menos compreender suas palavras.

Segundo o escólio à *Odisseia* IX, 456, os νεώτεροι consideravam βουκολικόν Polifemo conversar com seu carneiro.<sup>23</sup> Hermógenes, por sua vez, em *Arte Retórica* 335, 8-23 afirma ser exemplo de simplicidade (ἀφέλεια) e doçura (γλυκύτης) atribuir emoções e motivações humanas a animais. É inegável que a própria Antiguidade encontrou elementos pastorais na poesia de Homero, fazendo dos ciclopes precursores, em alguma medida, dos pastores que habitam os idílios de Teócrito e, ao mesmo tempo, personagens bem adequadas a estes poemas bucólicos. Contudo o mesmo escólio nos lembra Heitor dirigindo a palavra a seus cavalos, incitando-os a avançar contra os inimigo (*Ilíada* VIII, 185-197). Apesar do paralelismo da cena, as diferenças estabelecidas pelo contexto são significativas (ambiente pastoral *versus* ambiente marcial), bem como o animal a quem o discurso é dirigido (κρίος *versus* ἵππος).

<sup>22</sup> *Od.* IX, 187-188: "Ενθα δ' ἀνὴρ ἐνίαυε πελώριος, ὅς ῥά τε μῆλα/ οἶος ποιμαίνεσκε ἀπόπροθεν (...).

<sup>23</sup> Cf. Σ *Od.* IX, 456: Δοκεῖ δὲ βουκολικὸν εἶναι τοῖς νεωτεροῖς τὸ πρὸς κρίον διαλέγεσθαι.

A aptidão musical dos ciclopes já estava presente no drama satírico de Eurípides ao proferirem um κῶμος quando estavam embebedados (v. 487-518). Segundo Duchemin (*Le Cyclope. Édition critique et commentée*. Paris: Champion, 1945, p. 49-50), esta associação com a música é consequência da condição de pastores. Um indício deste fato pode ser encontrado em *Odisseia IX*, 315-316:

Com assobios levou para os montes o gordo rebanho  
o monstro de olho redondo.<sup>24</sup>

O termo ροίζω significa um silvo ou assobio associado com o barulho produzido por uma flecha (*Iliada XVI*, 361), por uma serpente se esgueirando (Apolônio de Rodes *Argonáuticas IV*, 138), ou por um instrumento de sopro como a siringe (Nono *Dionísíacas VI*, 191). O escólio a *Odisseia IX*, 315 considera o som emitido por Polifemo como, ao mesmo tempo, ἀσήμω e συριγμω (“indistinto” e “silvante”), “pois apascentando se valia da siringe de dócil pastor” (γὰρ σύριγγι χρήσασθαι ποιμαίνοντα ἡμέρου ποιμένος).

Virgílio, em *Eneida III*, 588-691, mantém-se bastante fiel à caracterização homérica de Polifemo e o classifica por duas vezes de *monstrum horrendum* em 658 e 679. Todavia, ele é chamado de *pastorem* (657), e seu rebanho de ovelhas o circunda (660, cf. também 639-640 e 656) enquanto vai até a praia lavar o olho vazado há pouco. No verso 661, de acordo com alguns manuscritos, lhe pende do colo uma fístula, instrumento de sopro associado a uma flauta campestre ou siringe (cf. Tibulo II, 51, 31 e Virgílio *Éclogas II*, 37). Igualmente, em Ovídio *Metamorfoses XIII*, 780-784, ele porta uma fístula e, por meio dela, as ondas e as montanhas escutam seus silvos pastorais (*pastoria sibila*).<sup>25</sup>

Esta associação de Polifemo à música, explorada por Teócrito através de um canto medicinal, já se encontrava implicitamente presente em Homero. Portanto, a caracterização pastoral do ciclope é recorrente em todas as suas representações poéticas.

O local onde a ação transcorre também implica uma relevante marca genérica. Segundo o *Idílio XI*, apesar de Polifemo viver num tempo

<sup>24</sup> *Od. IX*, 315-316: Πολλῆ δὲ ροίζω πρὸς ὄρος τρέπε πίονα μῆλα / Κύκλωψ (...).

<sup>25</sup> Apesar desta reiterada representação, Luciano de Samósata, em *Diálogo dos deuses marinhos*, 290 afirma que Polifemo, no aulo, é semelhante ao zurro de um asno e, portanto, é chamado de ἄμουσον.



muito anterior ao do poeta (ὠρχαῖος, v. 8), eles pertenceriam à mesma terra (ὁ παρ' ἁμῖν, v. 7), o que é compreendido como a Sicília, cenário de vários idílios pastorais de Teócrito. Logo ele seria siracusano (καθὸ καὶ Συρακούσιός ἐστι), como assegura o escoliasta em *Id.* XI, 7b, sugerindo que para alguns a localização remontaria à história de Odisseu,<sup>26</sup> tal como se afirma no escólio a *Odisseia* IX, 106.<sup>27</sup> Porém Homero não fornece nenhuma indicação geográfica de onde estaria localizada a Κυκλώπων γαῖα. Esta identificação parece ter-se desenvolvido a partir do século V a. C., sendo encontrada em Tucídides VI, 2 e Eurípides, *Cíclope* 20-22. Nesta peça, os ciclopes residem em grutas solitárias próximas à rocha do Etna.<sup>28</sup> A mesma localização será reproduzida em Virgílio, *Eneida* III, 552 e 569. Por ser uma montanha da Sicília, o Etna funciona como metonímia da ambientação pastoral. Em Teócrito *Idílio* I, o pastor Tírsis é designado ὡς Αἴτνας (v. 65), pois, segundo o escoliasta (cf. 65-66a), ele era siciliano e pastoreava pelo Etna. Em *Idílio* XI, 47 Polifemo oferece a Galateia, no interior de sua gruta, água fria conseguida da branca neve do Etna multiarbóreo (ἃ πολυδένδρεος Αἴτνη).

Tendo em vista essa recorrência temática, será constante a alusão verbal ou imagética do *Idílio* XI de Teócrito ao livro IX da *Odisseia*, sobretudo durante a canção de Polifemo (v. 19-79), apesar de a ação transcorrer em sua plena juventude, tendo-lhe a barba nascido recentemente (ἄρτι γενειάσδων περὶ τὸ στόμα τῶς κροτάφως τε, v. 9) e, portanto, antes do aparecimento de Odisseu. O ciclope justamente menciona a chegada de um ξένος navegando uma nau,<sup>29</sup> o qual lhe ensinaria a nadar para alcançar Galateia em seu *habitat* (v. 60-62). A passagem é incerta, mesmo porque Polifemo não estaria esperando nenhum visitante, mas, provavelmente, trata-se de uma ironia em relação a Odisseu. O trecho evoca o tema da ξενία tão caro à narrativa da *Odisseia*, tendo em vista, especificamente, o tratamento dispensado pelo ciclope aos estrangeiros, como igualmente nos rememora que, em vez de ensinamentos

<sup>26</sup> Cf. Σ Teócrito *Id.* XI 7b:

Δοκεῖ δὲ τισιν, ὅτι καὶ ἡ πλάνη τοῦ Ὀδυσσεύως περὶ Σικελίαν που γέγονε.

<sup>27</sup> Cf. Σ *Od.* IX, 106: Ἐν Σικελείᾳ ὑποτίθενται οἱ νεώτεροι τοὺς Κύκλωπας.

<sup>28</sup> Eurípides *Cíclope*, 20-22:

ἔξέβαλεν ἡμᾶς τήνδ' ἐς Αἴτναιαν πέτραν/ἴν' οἱ μονῶπες ποντίου παῖδες θεοῦ / Κύκλοπες οἰκοῦσ' ἄντρ' ἔρημ' ἀνδροκτόνοι.

<sup>29</sup> Notar que em *Odisseia* os ciclopes desconhecem as naus (*Od.* IX, 125-129) e Polifemo se interessa pela embarcação de Odisseu (*Od.* IX, 279-280).

concernentes à natação, Odisseu cega-lhe o único olho, considerado γλυκὺς no *Idílio* VI, 22-24.<sup>30</sup>

Apesar da continuidade de uma tradição temática cuja origem remontaria ao livro IX da *Odisseia*, há diferenças significativas entre os gêneros épico e bucólico. Segundo os *Prolegomena* aos escólios de Teócrito, seus poemas não ser posteriormente chamados de idílios, não em virtude da ambientação rural (não exclusiva em todos os seus textos preservados), mas por serem pequenos poemas.<sup>31</sup> O dialeto empregado seria o dórico, não somente por o poeta ser siracusano, mas para imitar as conversas dos rústicos e pastores (τὸ μιμῆσθαι εἰς ἄκρον ἀγροίκων οἰμίας καὶ νομέων, cf. *Anecdoton Estense* III, 1). Segundo Probo, nos comentários às *Éclogas* de Virgílio, esse dialeto seria mais adequado justamente para os pastores.<sup>32</sup> De acordo com os modos de elocução (χαρακτήρας τοῦ λόγου) o poema bucólico emprega o tênue (ἰσχνός), ao contrário do vigoroso (ἄδρός) ou do médio (μέσος). Se o estilo vigoroso, próprio da épica, apresenta grande ênfase no arranjo das palavras e dos pensamentos, o estilo tênue é humilde na matéria e na elocução, por ser necessário, nele, valer-se de ideias convenientemente rústicas e estas, portanto, devem ser as mais simples possíveis.<sup>33</sup> Probo também nota que Virgílio

<sup>30</sup> Notar que em *Idílio* VI, 23-24 Polifemo critica a profecia hostil do adivinho Têlemo, segundo a qual o ciclope não enxergaria com seu doce olho até o final da vida. Para o escoliasta desta passagem, o adivinho lhe vaticinara que “sob as mãos de Odisseu ele seria cegado” (ὅς μαντευσάμενος αὐτῷ, ὅτι ὑπὸ τῶν χειρῶν Ὀδυσσεύως τυφλωθήσεται). A passagem alude a *Od.* IX, 509-512, quando Polifemo, já ferido, se recorda das palavras de Têlemo a respeito do estrangeiro que o privaria da visão (cf. ainda a menção a Têlemo em Ovídio, *Metamorfoses* XIII, 770-775).

<sup>31</sup> Cf. Σ Teócrito *Prolegomena* Ea:

Ἰστέον δὲ, ὅτι εἰδύλλιον λέγεται τὸ μικρὸν ποίημα ἀπὸ τοῦ εἶδος ἢ θεωρία. (cf. *Prolegomena* Ea).

<sup>32</sup> Probo *Comm. in Verg. Buc.* 326, 22-327, 6: *Bucolica Theocritus facilius uidetur fecisse, quoniam Graecis sermo sic uidetur diuisus, ut Doris dialectos, qua ille scripsit, rustica habeatur opportunum fuit ergo ei, qui pastores inferebat, ea lingua disputasse.*

<sup>33</sup> Cf. Σ Teócrito *Anecdoton Estense* III, 6:

Τριῶν γὰρ ὄντων των χαρακτήρων τοῦ λόγου, ἃ δὴ καὶ πλάσματα καλοῦσιν, ἀδρου, μέσον καὶ ἰσχνου, καὶ ἀδρου μὲν ὄντος, ὃ καὶ τῆ τῶν λόγων καὶ τῆ τῶν νοημάτων κατασκευῆ μεγάλας ἐμφάσεις ἔχει, ἰσχνου δέ, ὃ καὶ τῆ ὕλη τῶν πραγμάτων καὶ τῆ λέξει τυγχάνει ὄν ταπεινόν, μέσου δέ, ὃ καὶ ἐκατέρου μετέχει, τοῦ μὲν ἰσχνότερον, τοῦ δὲ ἀδρότερον – καὶ τοῦ μὲν ἀδρου παράδειγμα Θεουκιδίδης, τοῦ δὲ ἰσχνου Λυσίας, τοῦ δὲ μέσου Δημοσθένης –, τὸ βουκολικὸν ποίημα τὰ δύο ἔκφυγον τὸ ἰσχνὸν ἀσπάζεται. ἐννοίαις τε γὰρ ἀνάγκη χρῆσθαι προσηκούσαις ἀγροίκοις, ταῦτα δὲ εὐτελεστάτας εἶναι ἀνάγκη (cf. *Anecdoton Estense* III, 6).

separou o estilo em suas obras de acordo com a matéria: o sublime ao poema heroico (*heroico carmini sublimia*), ou seja, a *Eneida*, e o humilde ao poema bucólico (*sed in bucolico humilia*), ou seja, as *Éclogas*.<sup>34</sup>

O emprego do hexâmetro nos idílios, no entanto, conecta a baixaza do ambiente pastoral à grandiloquência da epopeia. Na *Arte Poética* 1459b, Aristóteles afirma que o hexâmetro é o metro mais grave e inflado (στασιμώτατον καὶ ὀγκωδέστατον), por isso mais adequado para o uso de termos raros e metáforas. Demétrio de Falero, em *Sobre o estilo* V, diz que ele é chamado de metro heroico por sua extensão e por ser decoroso aos heróis,<sup>35</sup> já que o ritmo seria próprio de um herói em combate (μαχομένου ἥρωος). Em *Sobre o estilo* XLII esta afirmação é reiterada por ser o hexâmetro solene (σεμνός), sonoro (ἤχωδης) e não adequado à prosa (οὐ λογικός).

A grandeza da epopeia é sugerida por Horácio em *Arte Poética* 73-74, ao descrever “os feitos dos reis, dos chefes e as tristes guerras” (*res gestae regumque ducumque et tristia bella*) no metro demonstrado por Homero, isto é, o hexâmetro datílico. Tácito, em *Diálogo dos oradores* X, destaca seis gêneros poéticos, fornecendo a cada um deles uma caracterização que o distingue dos demais. Desta forma, a epopeia é descrita como *heroici carminis sonum* (“o som dos versos heroicos”), rememorando a adequação deste gênero à representação dos heróis como delineara Demétrio. Ovídio, em *Remédios do amor* 373, diz que as “vigorosas guerras regozijam serem cantadas em pé meônio” (*fortia Maeonio gaudent pede bella referri*). Em *Tristia* IV, 10, 47 Ovídio chama o verso épico de heroico, como Cícero, em *Sobre as leis* II, 68, e Propércio, *Elegias* III, 3, 16.

É inegável o uso, no século III a. C., do hexâmetro para diferentes matérias além da temática heroica, como nos demonstram os *Fenômenos* de Arato, os *Antídotos* e as *Teríacas* de Nicandro, alguns epigramas e os idílios de Teócrito. No entanto, Hunter<sup>36</sup> nota que, apesar da variedade da matéria, não há como estes poemas escaparem da herança homérica, na medida em que estão inseridos numa tradição do **εποῖ** cujo **εὐρεθῆ** teria sido Homero (cf. Horácio *AP*, 73). Manílio, no próêmio ao livro II

<sup>34</sup> Probo *Comm. in Verg. Buc.* 326.22-327.6: *Sunt quaedam propria, heroico carmini sublimia, sed in bucolico humilia, quae apte divisae Vergilius notatus est.*

<sup>35</sup> Cf. Demétrio, *Sobre o estilo* V:

Διὰ τοῦτο καὶ ἑξάμετρον ἥρωϊόν τε νομαίεται ὑπὸ τοῦ μήκους καὶ πρέπον ἥρωϊον.

<sup>36</sup> Cf. Hunter, R. *Theocritus*. Cambridge: Cambridge University Press, 1999, p. 17.

das *Astronômicas*, apresenta um catálogo de poetas épicos a partir de Homero, o maior vate inspirado (*maximus ... uates*), considerado modelo pela posteridade, como se de um grande rio derivassem delgados riachos (v. 7-11). Seguem-se a ele Hesíodo, cantor dos deuses, dos filhos dos deuses e do cultivo do campo (v. 11-24); Arato, descrevendo os astros e classificando seus sinais no céu (v. 25-38); Teócrito, pintando os costumes dos pastores e o som de Pã (v. 39-42); e outros poetas que por meio do hexâmetro compuseram a respeito dos pássaros de variadas cores, das lutas das feras, dos venenos das cobras e das drogas provenientes das raízes das plantas.

Este testemunho justapõe a poesia de Homero, de matéria heroica e grandiosa, dotada de um estilo vigoroso, à tênue poesia bucólica de matéria humilde. Em um metro apropriado para a representação dos σπουδαῖοι são representados φαῦλοι se expressando em linguagem adequada à sua condição de pastores. Quintiliano, em *Instituição Oratória* X, 1, 46-58, igualmente estabelece um cânone de poetas épicos e entre eles inclui o nome de Teócrito junto a Hesíodo, Antímaco, Paniásis, Arato, Apolônio de Rodes e Homero, considerado um grande Oceano de onde emanam os demais cursos d'água. Se, para Dioniso Trácio, *Arte Gramática* I, 6, 5-10, cada gênero poético deve conter uma ἀνάγνωσις adequada e à poesia hexamétrica corresponderia o estilo grave (εὐτόνως), tal caracterização contrasta veementemente com a matéria dos idílios de Teócrito, apesar de serem inseridos pelos comentadores antigos na tradição do ἔπος em virtude do metro empregado.

No entanto, o episódio narrado no livro IX da *Odisseia* já apresenta elementos que serão explorados na poesia bucólica posterior. A caracterização pastoral do ciclope, seus costumes rústicos, o hábito de conversar com os animais e o próprio ambiente no qual a ação se desenvolve servem de modelo a este tipo de ἔπος delineado nos hexâmetros de Teócrito. Os constantes ecos do idílio VI e XI a este livro da *Odisseia* nos sugerem uma tentativa deliberada de filiação a uma tradição épica precedente e, ao mesmo tempo, “transgressão” dos elementos próprios desta categoria genérica para a formatação de uma nova espécie poética. A poesia bucólica se constrói a partir das diferenças e semelhanças em relação à épica, rememorando a metáfora do grande Oceano cuja influência se torna inescapável a toda posteridade.

## Referências

- ARNOTT, W. G. The overworked playwright. A study in Euripides' "Cyclops". G&R. Oxford, vol. VIII, p. 164-169, 1961.
- \_\_\_\_\_. *Alexis. The fragments*. Cambridge: Cambridge University Press, 1966.
- BARIGAZZI, A. Una presunta aporia nel c. 11 di Teocrito. *Hermes*. Berlin, p. 179-188, 1975.
- BROOKE, A. Theocritus' idyll 11: a study in pastoral. *Arethusa*. Baltimore, vol. CXCVII, p. 73-81, 1971.
- BROWN, C. S. Odysseus and Polyphemus: the name and the curse. *CL*. Eugene, vol. XVIII, p. 193-202, 1966.
- CAIRNS, F. Theocritus' first idyll: the literary programme. *WS*. Wien, vol. XCVII, p. 89-113, 1984.
- DOVER, K. J. *Theocritus selected poems*. London: Bristol Classical Press, 1992.
- DUCHEMIN, J. *Le Cyclope*. Édition critique et commentée. Paris: Champion, 1945.
- FANTUZZI, M.; HUNTER, R. *Tradition and innovation in Hellenistic poetry*. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.
- FARRELL, J. Dialogue of genres in Ovid's love song of Polyphemus. *AJPh*. Baltimore, vol. CXIII, p. 235-268, 1992.
- FORD, A. Epic as a genre. In: MORRIS, I.; POWELL, B. *A new companion to Homer*. Leiden/ New York/ Köln: Brill, 1997, p. 396-414.
- FRIEDRICH, R. Heroic man and "polymetis": Odysseus in the "Cyclopeia". *GRBS*. Cambridge, vol. XXVIII, p. 121-133, 1987.
- GLENN, J. Virgil's Polyphemus. G&R. Oxford, vol. XIX, p. 47-59, 1972.
- GOW, A. S. F. (Org.). *Theocritus*. Cambridge: Cambridge University Press, 1965.
- GUTZWILLER, K. J. *Theocritus' pastoral analogies*. Wisconsin: University of Wisconsin Press, 1991.
- HASEGAWA, A. P. *Os limites do gênero bucólico em Vergílio*. Dissertação de Mestrado apresentada junto ao Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. São Paulo: FFLCH, 2004.
- HERNÁNDEZ, P. N. Back in the cave of the Cyclops. *AJPh*. Baltimore, vol. CXXI, p. 345-366, 2001.
- HOLTSMARK, E. B. Poetry as self-enlightenment: Theocritus 11. *TAPhA*. Baltimore, vol. XCVII, p. 253-259, 1966.
- HOMERO. *Odisseia*. Trad. de Carlos Alberto Nunes. Rio de Janeiro: Ediouro, 1970.
- HORDERN, J. H. Cyclopea: Philoxenus, Theocritus, Callimachus, Bion. *CQ*. Oxford, p. 285-292, 2004.

- HUNTER, R. *Theocritus and the archaeology of Greek poetry*. Cambridge: Cambridge University Press, 1996.
- \_\_\_\_\_. *Theocritus*. Cambridge: Cambridge University Press, 1999.
- LAWALL, G. *Theocritus' Coan pastorals*. Washington: The Center for Hellenic Studies, 1966.
- PAGE, D. L. (Org.). *Poetae melici Graeci*. Oxford: Clarendon Press, 1962.
- PAYNE, M. *Theocritus and the invention of fiction*. Cambridge: Cambridge University Press, 2007.
- PFEIFFER, R. (Org.). *Callimachus*. Oxford: Oxford University Press, 1953.
- PICKARD-CAMBRIDGE, A. W. *Dithyramb, tragedy and comedy*. Oxford: Clarendon Press, 1927.
- ROSENMEYER, T. G. *The green cabinet*. Berkley/ Los Angeles: University of California Press, 1969.
- SCHMEL, R. Structure and meaning in Theocritus 11. *Mnemosyne*. Leiden, vol. XLV, p. 229-234, 1993.
- SPOFFORD, E. W. Theocritus and Polyphemus. *AJPh*. Baltimore, p. 23-35, 1969.
- USSHER, R. G. The "Cyclops" of Euripides. *G&R*. Cambridge, vol. XVIII, p. 166-179, 1971.
- WENDEL, C. (Org.). *Scholia in Theocritum uetera*. Stuttgart: Teubner, 1996.